

## *A B C Frankfurtiano*

**Marcos Reigota**

(Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Sorocaba — UNISO)

### A

Cheguei à Alemanha, no final de agosto de 1997, para passar três meses como bolsista do convênio Capes/Daad, saindo de São Paulo pela VARIG, num vôo direto a Frankfurt. Pouco antes de embarcar, fui contemplado com um lugar na classe executiva. Uma jovem alemã, estudante de português na Universidade de Munique, que havia concluído um estágio em Santa Catarina, foi a outra contemplada com essa gentileza. Considerei esse privilégio como um bom sinal do que seria a minha estada em Frankfurt.

No último domingo antes da minha viagem, o caderno “Mais” da *Folha de S. Paulo* foi dedicado a Adorno e aos cinquenta anos da publicação do seu livro *Dialética do esclarecimento*. Adorno continua sendo uma presença e referência importantes. A sua fotografia pode ser vista na biblioteca e na sala de seminários do Instituto de Pesquisa Social.

Num corredor discreto do prédio central da Universidade há um painel com fotos que registram aspectos da vida universitária no período nazista pré-Segunda Guerra Mundial. Lá também se podem ver fotos de Adorno dando aulas e acompanhado de outros colegas ilustres.

Participei de um congresso sobre educação, no qual as pesquisadoras da Universidade Livre de Berlim, Gabriele Classen, Dagmar Bergs-Winkels e Hans Merkens retomam o trabalho clássico de Adorno, *O carácter autoritário*, para estudar as manifestações dos jovens de algumas das principais cidades da Alemanha reunificada. Os dados preliminares que apresentaram são muito preocupantes, pois mostram um crescimento do sentimento nacionalista, xenófobo e neonazista.

O meu amigo Albert von Braun, responsável pelo acervo de cultura brasileira e lusófona da Biblioteca Central de Zurique, aproveitando a realização da feira de Livros de Frankfurt, veio me visitar. Deixei-me levar por ele e, assim, conheci vários autores portugueses, completamente desconhecidos no Brasil e por mim, até então.

Fomos juntos ao lançamento da edição alemã do livro *Ana em Veneza*, de João Silvério Trevisan, e ficamos muito felizes em presenciar o prestígio que Trevisan tem na Alemanha.



Estivemos juntos na festa de encerramento da feira organizada pela editora em homenagem a Trevisan, na cave de um antigo mosteiro. Estavam conosco a tradutora para o alemão de *Ana em Veneza*, Sra. Karin von Schweder-Schreiner, a nossa amiga Maria Martoni, proprietária de uma livraria especializada em literatura latino-americana em Zurique, e tradutora para o italiano de Clarice Lispector, Ruben Fonseca, Caio Fernando Abreu e a Sra. Adelina Aletti. Formamos uma mesa muito animada.

*Ana em Veneza* teve um lançamento de primeira categoria, numa loja maçônica no centro de Frankfurt. Trevisan e a sua tradutora leram trechos do livro e, depois, um jovem pianista alemão interpretou peças do compositor brasileiro Alberto Nepomuceno, um dos personagens do livro. A edição alemã de *Ana em Veneza* traz, como brinde, um CD com músicas de Nepomuceno. Cartazes e cartões postais, com a mesma capa do livro, foram distribuídos aos presentes. Tudo muito sofisticado e bonito. A primeira edição saiu com nada mais nada menos do que 20.000 exemplares.

Quando Alberto e Trevisan foram embora, chegou o meu filho Alexandre, vindo sozinho de Montpellier, com escala em Paris. Além do seu abraço carinhoso, trazia consigo fitas com as músicas que os jovens ouvem na França, romances policiais, e as lições escolares que teria de fazer durante esses dias de férias. O meu filho já é um adolescente, com quem já se pode falar de tudo, de política, de viagens, de ecologia, de arte, de esporte, de drogas, de sexo e de *rock and roll*. Disse-me que admira Gustavo Kuerten e Peter Sampras e explicou-me algumas regras do tênis. Disse a ele que os meus discos em vinil, dos Rolling Stones e de outros grupos dos anos 70, fazem parte da sua herança. Ele me perguntou: por que em vinil?

## B

A última vez em que havia estado em Frankfurt foi em 1988, portanto antes da queda do muro de Berlim e da reunificação da Alemanha. A arquitetura dos bancos, na época, não me parecia tão imponente.

Como um menino caipira, fiquei impressionado diante da arquitetura pós-moderna, arrojada, desafiadora e, às vezes, de gosto duvidoso dos bancos que se instalaram na cidade, na última década.. Um deles, construiu o seu prédio de forma ovalada, com mais de 70 andares. No topo, vê-se uma pirâmide, no estilo "new age", que pode ser vista de quase todos os ângulos da cidade. Em frente a esse prédio encontra-se uma escultura



enorme, representando um homem com uma marreta na mão, em movimento constante e repetitivo.

Cartões postais mostram, meio provincianamente, o perfil dos bancos, como se Frankfurt fosse uma cidade americana ou de um país asiático que vivenciou o “milagre econômico”.

As bibliotecas universitárias e públicas, são uma maravilha para qualquer pesquisador. São atualizadas e completas. Em muitos casos, podemos ter acesso direto aos livros; é só colocar o nome do autor, ou as palavras-chaves no computador, que logo temos uma lista enorme de possibilidades.

Praticamente todos os livros de que precisei estavam disponíveis para empréstimo, mas notei algumas ausências importantes como os principais autores franceses contemporâneos, livros dos autores alemães publicados em outras línguas e a falta de algumas revistas de ciências humanas pós-modernas, como a *Thesis Eleven*.

A assinatura da importante revista americana de ciência política *Telos*, não foi renovada há alguns anos.

Na sessão dos jornais, pode-se ler, além dos principais jornais alemães, os mais importantes publicados na Rússia, Espanha, Itália, França, Bélgica, Inglaterra, Israel, China e Turquia.

A arquitetura da Biblioteca Alemã vale a visita. Se o pesquisador dominar a língua, corre o risco de não querer sair mais de lá, já que o acervo, dedicado especialmente à produção em língua alemã é riquíssimo e as facilidades de consulta são ideais.

É raro encontrar um colega frankfurtiano que não tenha visitado o Brasil ou que não queira passar uns dias no Rio de Janeiro ou em Salvador. No centro da cidade, vêm-se, com bastante destaque, os logotipos da VARIG e da VASP. Pode-se ouvir música brasileira, nem sempre da melhor qualidade, nos bares e nas ruas... Embora muito caro, a caipirinha (de cachaça) foi o drinque da moda do último verão.

Uma livraria especializada vende livros e discos brasileiros raros, difíceis de serem encontrados no Brasil. O português brasileiro é ensinado, nas escolas, às crianças filhas de brasileiros. Um dos mais simpáticos cafés nas imediações da universidade chama-se “Carioca”, assim mesmo em português, e os seus funcionários são italianos.

Com a sua teoria de sociedade de riscos, Ulrich Beck tornou-se referência obrigatória em vários textos que consultei. Os seus livros são expostos, com destaque, nas inúmeras livrarias da cidade. Provavelmente seja um



dos mais influentes sociólogos contemporâneos e o mais famoso herdeiro da tradição sociológica alemã.

## C

Tentei inúmeras vezes e várias pessoas procuraram ajudar, mas não consegui, uma entrevista com Daniel Cohn-Bendit. Pude vê-lo, junto com outros parlamentares alemães, num debate público sobre a União Europeia. Na ocasião, Cohn-Bendit pareceu-me muito sarcástico, ora conquistando aplausos e gargalhadas da platéia, ora perguntas e respostas enfurecidas. Os outros parlamentares pareciam desconfortáveis com as suas provocações.

Na semana seguinte, vi-o novamente, dessa vez na televisão francesa, participando de um debate sobre a violência. Ele repetiu a performance de eterno “enfant terrible”. Fiquei decepcionado com aquela representação teatral de adolescente radical e politizado, mas ouvi de colegas comentários elogiosos à sua atuação política na cidade de Frankfurt e no parlamento europeu.

Nos cinco restaurantes espalhados pela Universidade, a comida é abundante e barata, mas geralmente de gosto horrível. Com isso, voltei à cozinha e preparava as minhas refeições em casa. No entanto, os diversos tipos de tortas e pães, das mais modestas às mais sofisticadas padarias, são deliciosos.

Muitas crianças nas ruas, com os seus jovens pais e mães, com *look* alternativo e intelectualizado. Parece que, nos últimos anos, aconteceu um “baby boom”, coincidindo com a busca dos valores familiares. Pode-se encontrar as crianças acompanhadas dos seus pais ou só do pai ou da mãe, nas bibliotecas, nos cafés, nos museus, nos parques, nas piscinas, nos supermercados, enfim, nos mais diversos lugares.

Joe Coker esteve cantando em Frankfurt, mas infelizmente, nesse dia, eu estava fora da cidade.

Não perdi a conferência: *Urban Communication and Polyphonic representation: Conflicts and syncretisms in a Comparative Metropolitan Landscape: São Paulo, Rome, Berlin*, de Máximo Cannevacchi, na qual ele expôs alguns resultados da sua pesquisa comparativa sobre São Paulo, Roma e Berlim.

Quando entrei no salão nobre da Universidade de Frankfurt, Cannevacchi já estava lá, arrumando as suas transparências. Fiquei surpreso, pois ele projetava a capa do CD *Roots*, do grupo Sepultura.



Conversamos rapidamente antes da sua apresentação, que foi iniciada com a música que o *Sepultura* gravou com os índios Xavantes, do Xingu. Assim que a música começou, alguém correu para abaixar o volume... Cannevacchi não se surpreendeu e continuou a falar do sincretismo cultural.

A sua conferência foi brilhante, mas lhe fiz algumas restrições: O *Sepultura* não pode ser considerado um grupo que faz a “música de São Paulo”, como ele afirmava, e que, provavelmente, o *Ratos de Porão* estivesse mais próximo do seu argumento.

Disse-lhe, também, que depois que ele próprio começou a escrever sobre Antropofagia, qualquer referência ao sincretismo, como indicava o título de sua conferência, me parecia anacrônico.

Foi um encontro muito simpático, no qual ele me convidou para visitá-lo em Roma, caso eu ficasse por mais algum tempo na Europa.

Como identificar, na cidade, as pessoas que nasceram e/ou vieram da ex-Alemanha Comunista? Essa era uma pergunta que me fazia e obtive a resposta com um colega frankfurtiano. Ele me disse que, geralmente, as pessoas da “nossa idade”, que vinham do leste, usavam roupas mais convencionais, com cores que não se combinam. Pelo que eu entendi, ele queria dizer que eram pessoas que se vestiam de uma forma brega. Disse também que essas pessoas usavam palavras em alemão em desuso, o que logo as identificava. Quanto aos comunistas propriamente dito, parece que foram extintos, já que ninguém (ainda segundo o meu colega) mais se identifica e/ou se apresenta dessa forma.

Com a guerra na ex-Iugoslávia, os croatas chegaram em massa. No bairro onde morei existem dois restaurantes especializados em cozinha croata, mas fui aconselhado a não ir, não pela qualidade da comida, mas pela presença de pessoas ligadas à Máfia que se instalou nos Balcãs. Achei melhor deixar de lado o meu “existencialismo empirista” e não fui a nenhum dos dois restaurantes.

Muitas bancas de jornais e pequenos comércios que vendem cigarros, refrigerantes, guloseimas, etc. empregam croatas ou são propriedade deles. Nas caixas dos supermercados e nos restaurantes universitários pode-se ler, no uniforme das funcionárias, nomes que parecem ser iugoslavos. Ouve-se sempre, pelas ruas, jovens falando o servo-croata.

Em vários cafés e restaurantes, pode-se pegar, gratuitamente, cartões postais, que funcionam como publicidade dos mais diversos produtos,



desde shows, peças de teatro, lançamentos de CDs, até serviços de informática. Geralmente são muito bonitos e artísticos. Um dos mais interessantes que encontrei e, aparentemente, não era publicidade de nenhum produto específico, mostra o papa João Paulo II descendo de um avião e beijando o solo, e um pequeno texto: "No Kiss".

## D

O DAAD foi de uma precisão remarcável. Assim que cheguei a Frankfurt, já havia uma carta no meu nome, dizendo que deveria comparecer ao banco com o meu passaporte e retirar a primeira parcela da minha bolsa. Uma funcionária me telefonou, querendo saber se eu havia chegado bem e colocando-se à disposição, caso eu tivesse alguma dúvida. Contrastando com a gentileza dos funcionários do DAAD, o caixa do banco foi sempre muito rude comigo, nas três vezes em que fui, com o meu passaporte, e com a carta do DAAD, receber as mensalidades. A impressão que ele me dava era a de que estava sempre descontente (comigo?). Da última vez, quase consegui roubar-lhe um sorriso, quando falei, no meu primário alemão, que estava indo embora, e acrescentei: "hasta la vista!".

A impressão que tive é que a direita e o conservadorismo se consolidam na política e no comportamento de uma razoável parcela escolarizada da população. O sociólogo Gerd Paul, do Instituto de Pesquisa Social, realizou uma pesquisa com os estudantes de cinco universidades do Estado de Hessen, na qual constatou o crescimento do pensamento conservador entre eles.

Entre os muitos dados da pesquisa é interessante observar que *16 % dos estudantes universitários se consideram "fortemente" ou "muito fortemente" nacionalistas*. Os seus resultados e conclusões são muito próximos dos dados obtidos pelos pesquisadores da Universidade Livre de Berlim, na pesquisa sobre a personalidade autoritária dos adolescentes e estudantes secundários.

Alega-se que o crescimento da direita e da extrema direita se deu a partir de uma série de acontecimentos onde se incluem desde a reunificação da Alemanha, a constante ameaça do desemprego, a crise econômica internacional generalizada, a presença dos estrangeiros, a implantação da moeda única européia até a pseudo-supremacia racial alemã.

Em cada estação do metrô ou diante da estação ferroviária, as drogas, estão disponíveis para quem quiser comprar. Os viciados em heroína se



reúnem no centro da cidade e não hesitam em aplicar, nos braços, nos pés, nas veias do pescoço, a sua dose diária diante dos transeuntes.

Entre os dependentes encontram-se jovens e velhos, homens e mulheres. São feios, esqueléticos, pálidos, estão sempre em bando de nunca menos de quatro ou cinco pessoas.

Os transeuntes fazem de conta que não estão vendo absolutamente nada e continuam o seu caminho. A polícia fica por perto, mais para evitar distúrbios do que para reprimir.

Assisti, no debate sobre a violência na Europa, promovido por um canal francês de televisão, à reportagem sobre a política em Frankfurt, relacionada com os dependentes da heroína, iniciada com a gestão do Partido Verde e continuada pelo atual governo democrata-cristão.

Existem bares voltados especialmente para os viciados, onde eles podem aplicar a sua dose diária, com toda a segurança médica e de higiene, e encontrar outras pessoas. Na reportagem aparecem policiais retirando os drogados das ruas, no ato mesmo da aplicação da dose, e aconselhando-os, gentilmente, a se dirigirem aos cafés e locais apropriados para isso.

Há, também, o programa de distribuição gratuita de seringas e de substituição da heroína pela metadona em postos de saúde espalhados pela cidade e nas imediações da estação ferroviária.

Na estação do metrô próxima à universidade, jovens com traços mediterrâneos vendem haxixe.

No meu primeiro final de semana, em Frankfurt, ocorreu a morte da princesa Diane. A televisão e os jornais deram grande destaque. No dia do seu enterro, na principal rua comercial da cidade, colocaram uma grande tela que retransmitia a cerimônia. Pessoas de diferentes faixas etárias, muitas delas vestidas de preto, choravam e depositavam flores diante da tela. Formou-se uma enorme fila para assinar o livro de condolências, colocado ali pelos admiradores da princesa.

## E

O Prof. E. Kleber, da Universidade de Bergische, preparou para a Associação Alemã de Pesquisa em Educação, um dossiê sobre **educação ambiental**

Nele, pode-se ler que a educação ambiental, na Alemanha, está intimamente ligada com as ciências naturais, que não se tornou uma



disciplina e, sim, um princípio educacional. Aponta as dificuldades para se conseguir financiamento para pesquisas em educação ambiental e observa que os tópicos mais urgentes, nessa linha de pesquisa, é fazer as conexões entre a educação ambiental e a educação em geral, enfatizando as relações entre as questões éticas, antropologia e ecologia.

Apesar de ter perdido muito do seu impacto inicial, a **ecologia** continua sendo um tema recorrente no cotidiano, estando geralmente relacionada com a natureza, a poluição industrial e a qualidade de vida urbana.

Com a crise econômica e o crescente desemprego, a questão ecológica deixou de ser uma preocupação do cidadão médio alemão, segundo alguns ecologistas e intelectuais com os quais conversei.

Na televisão, pode-se assistir, com frequência, a reportagens sobre as florestas na Amazônia, Indonésia e Malásia, a desertificação na África, a qualidade de vida nas metrópoles dos países do hemisfério sul, etc.

A "Exposição 2000", que está sendo preparada para acontecer em Hannover, terá como tema central a questão ecológica, mostrando projetos inovadores que estão sendo realizados em todo o mundo.

A produção teórica sobre ecologia social e política, com exceção do já citado Ulrich Beck, pareceu-me incipiente, pouco ou quase nada acrescentando ao debate internacional.

Estive na conferência *Global Civil Society and Global Environmental Governance*, proferida pelo Prof. da Universidade da Califórnia, Ronnie Lipschutz, no Instituto de Pesquisa Social. Saí de lá me perguntando: será que os colegas do Norte pensam que poderão estabelecer políticas globais, desconsiderando as posições do Sul? Será que um possível governo global, para impor medidas ecológicas, se fundamentará numa perspectiva autoritária e antidemocrática?

Quando eu já estava praticamente convencido do avanço do conservadorismo e do conformismo, os **estudantes** da Universidade de Frankfurt iniciaram o ano letivo com pequenas manifestações que foram crescendo pouco a pouco.

Via aquela movimentação de algumas dezenas de jovens recém-saídos da puberdade, vestidos de negro e com a *écharpe* xadrez usada pelos palestinos, nos corredores, na cantina, nos bares, nas ruas e nas imediações da universidade, sem entender muito bem o que estava acontecendo.

Os jovens estudantes me passavam a impressão de que haviam deixado o uniforme de escoteiro em casa e resolveram se fantasiar e comportar-se



como seus pais e tios em 1968... No entanto, para minha surpresa, um dia, encontro a universidade praticamente paralisada: greve geral.

Vejo, pela televisão, milhares de jovens de toda a Alemanha dirigindo-se a Bonn, em protesto contra as medidas governamentais que restringiam o orçamento destinado às universidades. Mas a insatisfação generalizada não era só em relação às verbas. Pelo que pude entender, o protesto tinha começado numa pequena e desconhecida faculdade de pedagogia, que, no início do ano letivo, não teve condições de inscrever mais que 100 novos estudantes, entre os quase 600 candidatos que procuraram o seu curso. Com isso, Bonn recebeu a manifestação de protesto, alegre e divertida, de quase 40 mil jovens.

É bem visível a presença dos operários estrangeiros na cidade. Os turcos, ex-iugoslavos, gregos, poloneses, portugueses, espanhóis, italianos são os mais evidentes, podendo se observar, também, a presença de alguns asiáticos e africanos.

Na Universidade, exilados iranianos exibem e vendem os seus jornais. Em dias alternados, pode-se ver, no saguão central, os militantes que apóiam o governo xiita, e os curdos de tendência comunista.

Aproximadamente 1/3 da população de Frankfurt é composta por estrangeiros. A participação dos estrangeiros na definição de políticas da cidade referentes às questões que lhe dizem respeito diretamente é garantida por eleições livres e democráticas. Mas essa atuação tem caráter apenas consultivo. Os estrangeiros legalmente residentes em Frankfurt se organizam em chapas, apresentam programas de atuação e são eleitos pelos outros estrangeiros em condições legais de voto.

Os programas dos "partidos" são impressos em diversas línguas. Consegui um da chapa *EiwandererInnen liste*, escrito em alemão e turco, onde se pode ver a foto dos seus componentes, com os seus respectivos nomes e profissões. Entre eles, o germanista Hüseyin Sutki, a filóloga Yesim Yamam, o terapeuta Sanver Yalciner, o fotógrafo Nurettin Cicek e o mecânico Serdar Eben.

O debate e a aceitação da União Européia, é uma questão que parece estar longe da aprovação consensual e popular. No debate público "Mitreden uber Europa", com os parlamentares alemães dos Partidos Verde, Social Democrata e Democracia Cristã, as profundas divergências eram evidentes.

O público, composto por jovens e velhos, homens e mulheres, intelectuais e donas de casa, pessoas bem vestidas e outras com jeans e tênis,



participaram ativamente do debate, numa sala completamente lotada do Museu de Arte.

Qual o papel da Alemanha na nova configuração geopolítica-estratégica-econômica? - eis a pergunta síntese do público.

O parlamentar europeu pelo Partido Verde, Daniel Cohn-Bendit, publicou um artigo no jornal espanhol *El País* (01.10.97), intitulado "S.O.S. Europa", que se inicia assim: "*Europa va mal. Los europeos van mal. A lá gente le duele Europa, pero no lo sabe. Hay que reaccionar. Y rápido, porque después sera demasiado tarde...*" O artigo é baseado num documento assinado, além dele, também pelos seus colegas Jean-Louis Bourlanges (UDF), Olivier Duhamel (Socialista), Gianfranco dell'Alba (Radical), José Maria Mendiluce (Independente) e Antoninette Spaak (Liberal).

Muitas galerias de arte e os museus da cidade oferecem exposições de jovens artistas e de artistas consagrados. Entre as exposições dos jovens artistas, se destacam a de Andrzej Jackowski que, através da pintura figurativa, representa cenas cotidianas próximas do realismo fantástico e a de Juliane Gottwald (nascida em 1964) que, nas suas telas de grandes dimensões, muito coloridas, se aproxima do expressionismo abstrato, com muita personalidade, ritmo e movimento.

Entre as exposições de artistas consagrados descobri a artista lituana Vija Celmins. A artista transforma as suas lembranças de objetos simples que tinham importância vital durante a Segunda Guerra Mundial em quadros muito sensíveis, fugindo aos clichês exaustivamente abordados sobre a questão.

São pinturas que lembram desenhos feitos a lápis de escrever, de aviões de, rádios, luminárias, objetos de cozinha, etc.

O Museu de Arte da Cidade realizou, conjuntamente, duas exposições muito interessantes. Uma, de Hans Hofmann, pintor expoente e iniciador do expressionismo abstrato. Praticamente todos os quadros expostos vieram das coleções de importantes universidades americanas. Porém, o seu colorido muito vivo e a mistura de cores, com o excesso de tinta parecendo extrapolar as telas, não me atraíram, mesmo porque, antes dessa exposição, tinha acabado de visitar uma outra intitulada "Portugal Moderno-1910-1940 - a arte em torno de Fernando Pessoa".

Essa exposição reuniu quadros de José de Almada Negreiros, Sarah Afonso, Jorge Barradas, Carlos Botelho, Ernesto Canto de Maia, Antonio Carneiro, Christiano Cruz, Mario Eloy, Francisco Franco, Dordio Gomes, Julio Diogo de Macedo, Abel Manta, Bernardo Marques, Hein Semke, An-



tonio Soares, Amadeo de Souza-Cardoso, José Tagarro, Eduardo Viana e Maria Helena Vieira da Silva. Além dos quadros, podiam-se ver revistas do período modernista, ilustrações, cartas e livros dos principais expoentes literários e artísticos portugueses.

Fiquei estimulado e com vontade de conhecer melhor o trabalho, tanto na pintura, quanto na poesia, de Almada Negreiros. Os retratos que ele fez de Fernando Pessoa e os seus auto-retratos são belíssimos.

A exposição mostra como um país, situado à margem do sistema internacional de difusão e validação da produção artística, produziu trabalhos precursores e referências de uma época histórica.

Uma outra exposição digna de registro foi a dedicada à arte australiana, na Galeria Exler & Co. Os artistas Paddy Carlton, Mabel Juli, Sade, Billy Thomas, Peggy Patrick e Lily Karedada, unem a tradição da arte pictórica australiana com elementos da arte contemporânea, rompendo com os limites entre arte tradicional de expressão coletiva e arte contemporânea de busca de expressão individual.

O interessante, nessa exposição, foi poder observar como os limites entre expressão pictórica tradicional e arte contemporânea são tênues. Foram rompidos ou não existem..

## F

A Feira de Livros de Frankfurt dedicou sua edição de 1997 a Portugal. Mais de 3.000 editoras de diversos países expuseram os seus livros. Ofereciam brindes, catálogos, posters, cartões postais, sacolas, bandeiras, sanduíches, vinhos, água, café, etc... Todos os dias, durante uma semana, eu voltava para casa com sacolas repletas.

No local, cruzavam-se livreiros, editores, autores, jornalistas, pesquisadores, que podiam fazer negócios, conversar, conhecer novos livros e autores, sem a presença do grande público. Para entrar, era necessária a apresentação de um documento que comprovasse ser o visitante uma pessoa diretamente relacionada com a produção, consumo e difusão dos livros.

Encontrei o manifesto atribuído ao Unabomber, publicado em espanhol por uma editora argentina. No primeiro dia da feira, encontrei João Silvério Trevisan. Quando tentávamos deixar o local, para ir encontrar o seu irmão e cunhada, que nos esperavam num restaurante, ficamos uma hora e meia na fila, esperando um táxi..



Enfrentando a fila conosco estava uma senhora iraniana, que havia conhecido em Moscou e o seu marido português. Ficamos conversando sobre literatura portuguesa e brasileira. Ela dizia que, em Moscou, lia-se muito Érico Veríssimo e Jorge Amado e nos perguntou se tínhamos notícias de Boris Schnnardeiman. Contou-nos que a sua filha adolescente é apaixonada por Chico Buarque e que, recentemente, tinha ido a um show dele com o Ney Matogrosso, em Lisboa.

Nos outros dias, nos encontramos outras vezes pelos corredores da feira e ela me presenteou com um livro de sua editora sobre um viajante português que havia feito viagens pela China e Japão e havia mergulhado completamente na cultura asiática. Dei esse livro para Alexandre, meu filho.

Distribuí, na ocasião, alguns exemplares do *Muda o Mundo, Raimundo! Educação Ambiental no ensino Básico do Brasil* (WWF/MMA), organizado pela Vera Rodrigues. O *Raimundo* foi “pro mundo”, pelas mãos de uruguaios, peruanos, suíços, belgas, alemães, portugueses e espanhóis.

Visitei *stands* das editoras dos países da Europa Central e, no da rádio e editora “B52”, de Belgrado, comprei um CD com músicas de grupos iugoslavos alternativos. Deixei-me levar pela escolha feita pela jornalista iugoslava que estava ali e que me indicou o CD que, segundo ela, era o mais interessante. No último dia, vi Paulo Coelho, muito sorridente e solícito, rodeado de jornalistas. Uma moça vendia camisetas onde se lia “*Só many books. Só little time*”.

Assisti, no Museu do Cinema, a alguns filmes portugueses ou com temática portuguesa, entre eles “Lisbon Story” de Win Wenders e o pesadíssimo “Não ou a vã glória de mandar”, de Manoel de Oliveira.

Após o ciclo português, o Museu do Cinema organizou um outro chamado “Verso Sul”, abordando o novo cinema italiano. Pude ver o curta-metragem, “Il Perfezionista”, de Claudio Malaponti, que tem cenas feitas em um restaurante (churrascaria) brasileiro de Milão e cuja trilha sonora inclui uma música do Luiz Gonzaga.

Entre os filmes italianos que vi, o destaque ficou por conta de “Pianese Nunzio - 14 anni a Maggio” de Antonio Capuano, que aborda, de um lado o envolvimento de jovens de Nápoles, com o tráfico e consumo de heroína e, de outro, aspectos ligados à Igreja Católica. Um filme muito sensível, que mistura amizade, abandono, militância política, corrupção, religião,



homossexualismo na igreja, a força da Máfia (Camorra) com a beleza da paisagem e das canções napolitanas.

No centro cultural "Palais Jalta", voltado basicamente para a difusão da cultura da Europa Central, houve um ciclo de cinema albanês, ou com temática próxima à Albânia pós-comunista. Pude rever aí, mais uma vez, o belo e intrigante filme "Antes da Chuva" de Milcho Manchevski, que enfoca a expansão do conflito iugoslavo entre ortodoxos e muçulmanos, nas fronteiras movediças da Macedônia, mas não pude ir assistir "l'America" de Gianni Amelio, que retrata a fuga em massa dos Albaneses em direção à Itália.

No Festival de Filmes Gays e Lésbicos, vi um filme americano muito engraçado, que narra a transformação por que passa uma pequena e provinciana cidade quando muitos dos seus "ilustres" moradores resolvem assumir a sua homossexualidade. Um deles espalha a notícia de que se tornou gay devido ao vírus da homossexualidade encontrado na água que se bebe na cidade...

Aproveitei a presença de Alexandre e fomos assistir "Men in black", saímos da sala dançando e cantando o refrão da trilha sonora...

O feminismo parece continuar muito forte. São várias as publicações específicas, centros de estudos, cafés e bares que realizam debates, espetáculos artísticos, exibem filmes para debates.

As mulheres na faixa dos 35 anos ou mais com quem conversei são as mais radicais e militantes. Às vezes os seus comentários sobre a "opressão masculina" e a "miséria em que vivem as mulheres no mundo" transformam os encontros informais e descontraídos em momentos extremamente desagradáveis.

## G

O meu velho "amigo, irmão de fé, camarada" Gerd Paul, foi o responsável pela acolhida no Instituto de Pesquisa Social e para que eu obtivesse a bolsa Capes/DAAD.

Encontrávamo-nos todos os dias, por volta do meio dia, comíamos alguma coisa e discutíamos temas relacionados com os nossos trabalhos, com o cotidiano, trocávamos informações e impressões sobre a Alemanha, Brasil e outros países.

Entre os seus principais trabalhos de pesquisa, o que me chamou mais a atenção foi o que enfoca a ideologia dos jovens estudantes universitários alemães que, segundo as suas análises, tendem à direita e ao conservadorismo.



Discutíamos sobre a teoria de sociedade de riscos, que ele conhece muito bem, e eu o informava sobre a teoria das representações sociais, e sobre os principais autores pós-modernos.

Gerd sempre procurava me colocar em contato com todas as pessoas e instituições que pudessem me auxiliar no meu trabalho. Apresentou-me a Thomas Jhan, do Instituto de Ecologia Social, que também me deu muito apoio. Às vezes, ia jantar na sua casa, e falava italiano com a sua mulher (de Florença) e com o seu filho Alessandro, de quatro anos. Um dia, fomos ao Jóquei Clube apostar nos cavalos. Não ganhamos, mas também não perdemos dinheiro.

Estando na Alemanha, torna-se inevitável procurar, verificar as origens, os sinais e a herança da Segunda Guerra Mundial. A praça central de Frankfurt foi praticamente arrasada durante a guerra. No entanto, foi reconstruída, da mesma forma como era antes, como se nada tivesse acontecido.

A sensação que se tem, nessa praça, é a de nos encontrarmos num cenário falso, como os do cinema, ou num parque para turistas. Nas proximidades, encontra-se o Museu Histórico, onde pode-se ver a maquete da cidade, após ter sido bombardeada pelos aliados.

Levei Alexandre para ver a praça reconstruída e a maquete da cidade destruída. Quando chegamos ao Museu, havia um grupo de jovens estudantes secundaristas, acompanhados de um professor.

Os resquícios da guerra fria estão presentes e muito evidentes nas ruas comerciais da cidade e nos jovens americanos que prestam o serviço militar na cidade. Muitos deles são negros e se vestem com as camisas, tênis e bonés dos times de basquete. São altos, fortes e quase sempre “sintonizados” com um *walk man*.

Após a queda do muro de Berlim, mais de 30 mil soldados americanos deixaram a cidade. As instalações do exército americano estão praticamente abandonadas, com mato crescendo pelas quadras de esporte e jardins, vidros quebrados, muros pichados, etc... A partida dos americanos de Frankfurt fez com que os aluguéis ficassem mais baratos.

Uma presença constante do exército americano no meu cotidiano era a rádio deles, com uma seleção musical excelente, porém entrecortada de mensagens publicitárias sobre a importância do exército americano e dos E.U.A. na manutenção da paz no mundo...

A guerra na Bósnia trouxe para Frankfurt muitas crianças e adolescentes vítimas do conflito, que podem ser vistos pelas ruas, no metrô, nos



ônibus. Alguns, sorridentes e brincalhões como qualquer pessoa nessa faixa etária.

As mulheres bósnias muçulmanas são mais facilmente identificáveis, com os seus véus cobrindo a cabeça. São silenciosas e parecem manter o controle, respeito e bom comportamento dos seus filhos, pelo menos nos espaços públicos. Na biblioteca sempre via um senhor que exibia a sua origem iugoslava, através de desenhos e símbolos fixados na sua bolsa e nas suas roupas paramilitares.

O escritor Gunter Grass publicou um livro polêmico, com aproximadamente 700 páginas, sobre as raízes do autoritarismo alemão. Durante a feira de livros de Frankfurt, ele fez um protesto público contra a política do governo alemão em relação às reivindicações do povo curdo. Acusou o governo de negar a entrada de refugiados curdos na Alemanha e estimular a perseguição desse povo, ao apoiar a política do governo turco, que impede violentamente a autonomia dos curdos.

As suas declarações tiveram muita repercussão na mídia, ocupando as primeiras páginas dos jornais e também várias entrevistas e debates na televisão. Lamentei não dominar o alemão em condições suficientes de acompanhar os debates como queria.

## H

Procurei ouvir e comprar música alemã contemporânea, mas, quando deparei-me com o CD "The very best of Nina Hagen", não tive dúvidas. Comprei.

Habermas é sempre citado nos textos dos autores alemães que consultei. Os seus livros são expostos com destaque nas livrarias. Recentemente, ele recebeu um prestigioso prêmio pelo conjunto do seu trabalho e sua contribuição à democracia, o que implica uma enorme verba para que ele possa continuar escrevendo sobre democracia. A sua influência e crítica aos autores pós-modernos franceses foi apontada por um colega como sendo um dos motivos pelo qual a influência desses últimos na Alemanha é muito pequena ou praticamente inexistente.

Perguntei pela influência de Heidegger, e não encontrei alguém interessado em falar sobre isso, embora tenha ouvido, em diferentes ocasiões, a sua famosa frase: " Só é possível pensar em alemão".

Um dos grandes sucessos editoriais do ano foi a sua biografia escrita por Rudiger Safranski, um ex-orientando de Adorno. Nas livrarias, os livros



de Heidegger estão em destaque e pode-se encontrar, nas bibliotecas, as edições alemãs dos ensaios sobre o seu pensamento, escritos pelos americanos, ingleses, franceses e italianos.

## I

O Instituto de Pesquisa Social fica num prédio sóbrio, situado em frente à universidade. Logo à entrada, uma discreta placa em bronze lembra o apoio dos E.U.A. à sua reconstrução.

As paredes da sala de seminários são decoradas com fotos de Adorno, Horkheimer e Marcuse. Quase não se vêem os pesquisadores, já que a maior parte do tempo eles permanecem em suas salas, com as portas fechadas.

A biblioteca se situa no subsolo. O seu acervo é rico e atualizado, embora aqui também se note a ausência de autores e revistas internacionais importantes. A revista do Instituto publica, em alemão, os artigos dos pesquisadores da casa. A principal linha de pesquisa para os próximos anos se concentrará em temas relacionados com a fundamentação teórica da política democrática. Os móveis são dos anos 60, bastante conservados e discretos. Cada pesquisador tem o seu computador e praticamente todos têm salas individuais.

O Instituto de Ecologia Social situa-se num velho prédio industrial, reformado para abrigar escritórios e estúdios de produtoras de vídeos, etc... Foi fundado em 1989 e tem Ulrich Beck no seu conselho consultivo.

As questões relacionadas com recursos hídricos, ciência e ecologia do cotidiano, desenvolvimento sustentável e democracia, são alguns dos temas prioritários dos pesquisadores. Todos trabalham em silêncio, qualquer barulho parece causar um grande transtorno... A biblioteca é bem equipada e podem-se encontrar textos e livros escritos por argentinos, brasileiros, chilenos, peruanos, uruguaios, etc...

O diretor do Instituto de Ecologia Social, Thomas Jahn, sugeriu-me conhecer o Institute for Applied Ecology, em Darmstadt, e lá fui eu.

Esse instituto, entre os que se dedicam especificamente à ecologia, é um dos mais antigos e respeitados da Alemanha. Foi fundado em 1977 e a sua origem está intimamente ligada aos conflitos relacionados com a construção de usinas nucleares nas proximidades de zonas agrícolas. Entre os manifestantes contrários à construção



dessas usinas, encontravam-se renomados cientistas que, logo após, fundaram o **Instituto**, que tem atualmente sedes em Friburgo, Berlim e Darmstad.

Para minha surpresa, a sede de Darmstadt situa-se no bairro industrial; como as empresas vizinhas, a arquitetura do Instituto lembra grandes depósitos industriais, construídos em ferro.

Fui recebido por três colegas, um advogado, um físico e um geólogo chinês, que me apresentaram o programa de formação que elaboraram e desenvolvem com os funcionários públicos de países asiáticos, responsáveis pela aplicação de políticas que visem à redução do consumo de energia e de recursos naturais nos seus países.

Obtive informações sobre a questão nuclear na Europa, principalmente na Alemanha e nos ex-países comunistas da Europa Central. Apesar do problema continuar presente, o tema é considerado fora de moda. Conheci o pedagogo Christoph Kodron, do Instituto Internacional de Pesquisa em Educação, que me convidou para conhecer o Instituto e participar dos seminários sobre educação internacional, ministrado por professores de diversos países.

Presenciei a conferência da professora Eliska Walterova, da Universidade de Praga, e pudemos discutir sobre a influência do pensamento marxista na educação desse país e também fazer um paralelo com a influência do pensamento marxista na teoria educacional latino-americana.

Segundo a professora Walterova, os tchecos querem esquecer o período marxista, e estão procurando se aproximar das tendências em vigor nos países que fazem parte da União Européia. Num excelente inglês, disse-me que, se eu quisesse, poderia ir visitar a sua universidade e conhecer melhor o trabalho que estão realizando no momento.

O professor Tom Cochrane, da Queens University, da Austrália, falou sobre o processo de internacionalização das universidades australianas e da atração que as mesmas exercem em estudantes originários da Ásia e dos ex-países comunistas da Europa Central, devido a sua qualidade, preços atrativos e cursos ministrados em inglês.

O professor Anatolij Karpov, do Instituto de Educação da República de Burjatien, falou sobre a influência da língua alemã e do crescente interesse dos estudantes pelo inglês, nessa ex-república soviética. Ele nos trouxe vários mapas e cartões postais com aspectos da paisagem e da cultura do seu país. Num dos cartões aparecia uma imensa estátua de Stalin, no mais puro estilo do realismo socialista, no meio de uma praça.



O professor Neville Alexander, da África do Sul, falou sobre a política educacional após o fim do "apartheid" e dos inúmeros projetos que procuraram estimular e garantir a escolaridade das crianças negras.

Curiosamente, no final dos seminários, os conferencistas eram saudados pelos participantes com leves toques dos dedos sobre a mesa, ao contrário dos aplausos com que costumeiramente encerramos uma conferência no Brasil e em outros países em que estive. Os seminários tinham um público reduzido, nunca formávamos, incluindo o conferencista, um grupo superior a oito pessoas.

Um grupo de pesquisadores do Instituto publica o *International Handbook of Vocational Education and Training*, abordando o ensino profissionalizante em mais de trinta países. Fui convidado pelo grupo a expor as mudanças ocorridas no Brasil com a nova Lei de Diretrizes e Bases.

Na biblioteca especializada em educação, com revistas, livros e documentos vindos de várias partes do mundo, encontrei a *Harvard Educational Review* (vol. 67, nº 2, 1997), que presta uma homenagem à memória do professor Paulo Freire, onde se lê: "Paulo Freire's message of freedom and democracy through critical conscientization have given countless people throughout the world the tools to position themselves as agents within a historical context and to take action to change these contexts."

Foi ainda no Instituto Internacional de Pesquisa em Educação que fiquei sabendo que um outro dos meus queridos professores, "Monsieur" Georges Meuris, estava se aposentando e que a Universidade Católica de Louvain lhe prestaria uma homenagem no dia 03 de dezembro de 1997.

## J

Alexandre observou que os jovens, na Alemanha, vestem-se de forma muito diferente dos franceses, e que os sapatos de plataforma de borracha usado pelos alemães, na França, são usados pelas garotas e não pelos garotos. Eu argumentava que tanta borracha num par de sapatos, independentemente de serem usados pelos garotos ou garotas, era ecologicamente incorreto e esteticamente questionável.

## K

Fui a Kassel, visitar a mega-exposição de arte contemporânea "Documenta", realizada a cada cinco anos, cujo tema de sua décima edição foi: "A



globalização da cultura no final do século”. Foi muito interessante poder observar como essa questão é abordada pela perspectiva artística dos países ricos.

A presença dos trabalhos de Hélio Oiticica e Lygia Clark, apesar de alguns equívocos conceituais por parte da curadoria, que deixou em “repouso” trabalhos que exigem movimento, foi muito benéfico na medida em que os dois precursores artistas brasileiros tiveram o devido e merecido destaque, atraindo as atenções dos críticos, do público e da mídia.

A “Documenta” se espalha por várias salas e museus pela cidade, fazendo com que haja um constante vaivém de pessoas de diferentes idades e estilos. Os trabalhos de Hélio Oiticica ficaram expostos no primeiro pavilhão para quem chega na cidade, de trem. Os seus parangolés foram expostos como se fossem roupas em uma loja, perdendo, assim, muito do seu vigor, e a sua instalação “Tropicália” se resumia a uma enorme foto, colada na parede.

No andar superior da mesma sala, o artista Lothar Baumgarten expôs inúmeras fotos dos Yanomani, feitas durante as suas viagens à Amazônia, em 1978, 1979 e 1980. Foi praticamente impossível vê-las com a devida atenção, já que diante delas se formava um aglomerado de pessoas.

Saindo desse pavilhão, outro artista brasileiro, Tunga, expunha a sua obra ao ar livre. A sua instalação havia sido precedida de uma performance, onde bailarinas representavam partidas e chegadas, utilizando a plataforma da estação de trem.

Compunham a instalação velhas malas de couro, pedaços de corpos de bonecas, objetos de viagem e um imenso chapéu de palha. Uma música, que me pareceu ser de Charles Aznavour, repetia a frase “Le triste avenir”. Esse fragmento musical, às vezes, dava lugar a um outro, que parecia ser de Jorge Benjor.

Como os outros visitantes, percorri Kassel entrando em todos os lugares que expunham obras relacionadas com a Documenta e as galerias que não faziam parte da exposição oficial, mas que aproveitavam a ocasião para expor os seus artistas, que protestavam contra a “vanguarda oficial e subsidiada”.

No final da tarde, localizei a sala onde se encontravam os trabalhos de Lygia Clark. Para mim, foi muito bom ver, pela primeira vez, o conjunto da sua obra. O vídeo “Memória do Corpo”, feito em 1984 por Mario Carneiro, estava sendo exibido numa sala ao lado; nele se podia ver o processo criativo-terapêutico da artista, que utilizava vários materiais da natureza (pe-



dras, conchas, etc...) e também material industrializado como plástico, com os seus pacientes.

Como os parangolés de Oiticica, os seus “objetos” precisam de movimento para expressarem todos os seus significados. A forma fixa e rígida em que estavam expostos e os inúmeros avisos de “Não toque”, limitavam a sua compreensão.

## L

Não falar o alemão não é um problema muito grave no cotidiano, já que muitas pessoas falam uma segunda língua, principalmente o inglês. O francês é uma língua de prestígio, falada por alguns intelectuais e por funcionários de centrais de informações; o espanhol, italiano e português, são “línguas turísticas”, ou seja, faladas principalmente pelos alemães que viajam constantemente aos países onde essas línguas são faladas.

Nas máquinas que vendem passagens para os transportes urbanos e nas cabines telefônicas, podem-se ler informações em línguas - além das citadas - o turco e o servo-croata.

Os cuidados com o lixo doméstico é uma constante. Deve-se separá-lo em vários grupos: papéis, plásticos, alumínio, lixo orgânico e vidros. Esses últimos devem ser ainda separados pelas cores: branco, verde e marrom, e colocados em recipientes próprios instalados nas ruas e facilmente visíveis por todos.

## M

O último CD da Marlui Miranda, gravado com a Orquestra Sinfônica de São Paulo, tendo como base músicas indígenas brasileiras, recebeu destaque nas revistas especializadas e pode ser ouvido nos fones das *mega-stores*. Outros trabalhos de Marlui Miranda, solos ou gravados com o grupo Pau Brasil, são facilmente encontrados nas vitrines das lojas.

Às quintas feiras, o mercado de produtos naturais e caseiros, em frente à universidade, reúne a intelectualidade do bairro. Uma família vende um delicioso prato feito com batatas fritas e/ou cozidas, acompanhadas com um molho de iogurte e ervas e, para beber, suco ou vinho de maçã. As pessoas formam filas para serem atendidas e saem com o seu prato e copo



nas mãos, procurando um lugar onde se possa comer com um mínimo de conforto e com muito sol. Numa outra barraca familiar, pode-se comprar pão preto e iogurte caseiro, com pedaços de fruta, vendidos em garrafas de vidro, que devem ser devolvidas à vendedora.

Aos sábados, pela manhã, às margens do Reno, acontece o mercado das pulgas, onde se podem encontrar livros, discos, móveis, roupas, bicicletas, objetos de decoração, cartões postais dos anos 20, relógios, pulseiras, brincos, máquinas de escrever e muitos objetos inusitados. Algumas pessoas vendem todo tipo de produtos com a foice e martelo vindos da ex-Alemanha comunista, Polônia, ex-URSS, bem como roupas e objetos que pertenceram aos ex-soldados do exército vermelho soviético.

Na parte mais popular do mercado das pulgas, encontram-se enormes amontoados de roupa de todos os tipos e o proprietário fica gritando: "Tudo a um marco", "Qualquer peça custa um marco". Os operários estrangeiros e os jovens alemães, de "look" alternativo, "saltam" sobre as roupas, enchem as suas malas. Mais adiante, encontram-se, de objetos domésticos, como televisão, aspirador de pó, a peças de computador, rádios, bicicletas, brinquedos, etc.. Os poloneses vendem cristais, as velhas senhoras russas vendem ícones, os turcos vendem jornais, os croatas vendem tapetes, os senegaleses vendem tecidos...

Bandas de *rock punk* e *heavy metal*, peruanos com as suas flautas andinas, "djs" com a música *clubber*, músicos solitários e amadores, tocando os mais diversos instrumentos garantem a animada, variada e multicultural trilha sonora.

No primeiro domingo que passei na cidade estava acontecendo a festa do **multiculturalismo**, na qual todas as nacionalidades e etnias que vivem em Frankfurt estavam expondo, vendendo, trocando objetos, artesanato, roupas, música, culinária, etc... Nesse dia, todos os museus situados nas imediações eram gratuitos e a freqüência em todos eles era muito grande.

Nessa ocasião, fiquei conhecendo o serviço de atendimento aos estrangeiros da Prefeitura. Esse departamento publica brochuras em várias línguas, com todas as informações sobre educação, saúde, lazer, associações e orientações para não se desperdiçar água e eletricidade, como embalar adequadamente o lixo doméstico e outras informações básicas para todos os moradores da cidade.

Na primeira página dessa brochura há uma apresentação escrita por Daniel Cohn-Bendit e uma foto dele discursando numa assembléia. Creio que foi ele a pessoa que deu origem a esse tipo de serviço e que continua



atuando como “conselheiro”, para assuntos multiculturais da prefeitura de Frankfurt.

Conversei rapidamente com uma funcionária desse serviço e ela, muito solícita e atenciosa, deu-me endereços, sem que eu os pedisse, dos locais, bares e clubes onde eu poderia ouvir samba e associações, encontrar os brasileiros e latino-americanos...

Entre os muitos museus de Frankfurt, o de arte contemporânea é, de longe, o meu favorito. A sua arquitetura externa é bastante discreta, contrastando com o seu interior, arrojado, inovador, claro e espaçoso.

O seu acervo é relativamente pequeno, embora possua peças fundamentais de Alberto Giacometti (“L’homme qui marche”), Andy Warhol e Joseph Beuys. Este último está presente com uma grande instalação chamada “Environment”, feita com uma grande chapa de ferro suspensa no ar, lembrando um grande machado e, no solo, peças pequenas e também em ferro fundido, lembrando fezes petrificadas.

Entre os artistas desconhecidos para mim, os trabalhos de Jochen Flinger, Stefan Exler (o preferido de Alexandre), Inge Rambow e Katharina Fritsch são os mais interessantes.

Flinzer buscou nos gibis do Pato Donald a sua inspiração. Pegou a mesma estória publicada em várias línguas e fez vários bordados com linhas azuis e vermelhas. Na parte frontal do tecido podem-se ler as estórias em inglês, francês, alemão, árabe, etc... e, na parte posterior, o emaranhado do bordado e o desenho singular que cada estória tem “por detrás”. O artista revela, assim, uma faceta escondida, particular, singular de algo aparentemente banal e homogêneo, cuja possível e visível variação, aparentemente, ocorre só na mudança da língua.

Stefan Exler exhibe enormes fotos hiper-realistas, mostrando pequenos quartos de jovens, compartilhados por várias pessoas, onde se misturam os seus vários objetos pessoais, como xícaras, cigarros, cinzeiros, computador, fitas, CDs, aparelhos de som, revistas, livros, tênis, roupas sujas e limpas, sacos de dormir, etc...

Inge Rambow fotografou paisagens da ex-Alemanha oriental, enfocando a exploração desenfreada dos recursos naturais e a poluição. São sinistras paisagens de vazio, abandono e desgaste.

O trabalho de Katharina Fritsch intitulado “Table Company”, de 1988, ocupa uma sala inteira e é um dos mais perturbadores de todo o museu. Nele, inúmeros bonecos, em gesso, vestidos com roupas pretas, estão sentados na mesma posição, imóveis e de cabeça baixa, um frente a outro,



ocupando uma longa mesa branca coberta por uma toalha com arranjos florais em vermelho.

As cabeças são brancas e ocas, sem rostos, os cabelos são negros. Os contrastes entre o branco e o negro e os espaços preenchidos e vazios são muito bem utilizados, dando uma sensação de profundidade e angústia, repetição, banalidade, homogeneização, silêncio, conformismo, encontro, desencontro, mutismo, controle, subserviência, etc, etc, etc... O vermelho e o bordado da toalha quebram as sensações iniciais, ao mesmo tempo que inserem um elemento bastante familiar à cena.

Encontrei, nesse museu, um trabalho que gostaria de ver reproduzido na capa do meu livro *Ecologistas*. O artista Peter Rosel (nascido em 1966) recolheu latas de refrigerantes e cervejas no mar e, em cada uma delas, pintou, suavemente, movimentos da “dança” das baleias.

As latas pintadas receberam um acabamento que as transformou em pequenos retângulos individuais, sem nenhuma ligação entre elas, fixadas uma ao lado da outra, ocupando, de forma muito discreta, uma parede toda. Peter Rosel fez esse trabalho em 1992, ano da Conferência Mundial das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, no Rio de Janeiro.

A programação musical é constante, de qualidade, variada e cara. Por lá passaram Oásis, Cesaria Évora, Joe Cocker, grupos de jazz português, grandes sinfônicas, óperas, etc... No mês de outubro de 1997, o CD “Quanta”, de Gilberto Gil, estava no oitavo lugar entre os mais vendidos, na categoria World Music, da *mega-store* “Wom World of Music”. Em setembro, estavam na lista dos dez mais vendidos, na mesma categoria, os discos de “É o tcham!”, e “Echoes of Brazil” da Badi Assad.

Nessa loja, podem-se encontrar os CDs do João Donato, gravados no Japão, mas são caríssimos... O grupo Bellini é sucesso nas pistas, nas rádios, nas ruas, na MTV, com a regravação “dance” de “Samba de janeiro”, velha música de Airto Moreira.

## N

Fazer qualquer pergunta sobre como as pessoas vivenciaram ou herdaram o passado nazista nas suas famílias e relações pessoais, parecia ser muito inconveniente e de mau gosto. Apesar de curioso sobre o assunto, achei melhor não abordá-lo com ninguém.



Com os colegas ecologistas de Darmstadt, fiquei sabendo que os principais centros acadêmicos voltados para a pesquisa nuclear estão com os seus sofisticados laboratórios praticamente vazios de professores e alunos. O exemplo mais concreto dessa situação encontra-se no departamento de engenharia nuclear de Aachen, considerado um dos melhores de toda a Alemanha.

Rompendo com todos os estereótipos físicos que se podem ter sobre os alemães, existe na cidade uma Associação de Negros Alemães, formada basicamente pelos filhos e filhas de alemães com mulheres e homens negros de outros países.

## O

Com a chegada do outono, houve uma brusca mudança no comportamento das pessoas. Pareciam mais caladas e incomodadas com a proximidade do inverno. Os bares, cafés e restaurantes recolheram as suas mesas e cadeiras das calçadas e jardins, tornando-se esfumaçados pelo cigarro dos seus freqüentadores.

Quando o grupo Oásis passou pela cidade, todos os ingressos já estavam vendidos, com meses de antecedência. Milhares de adolescentes com roupas coloridas se aglomeravam em frente ao teatro, muitas horas antes do início do concerto.

## P

A literatura colocou Portugal em evidência, antes, durante e depois da Feira de Livros. Pude, com isso, entrar em contato não só com a literatura e produção acadêmica portuguesas, mas também com as artes plásticas, fotografia, música, teatro e cinema desse país, ao mesmo tempo tão próximo e distante do Brasil.

Entre as várias e inúmeras leituras oferecidas durante a feira, pude presenciar o encontro de autores consagrados como José Saramago e o italiano Antonio Tabucchi e conhecer, apresentados por Albert vonn Braunn, autores importantes, mas praticamente desconhecidos no Brasil, como João Aguiar e Mário de Carvalho.

Com esses últimos pude conversar sobre a proximidade e a distância existentes entre nossos países. Algumas semanas depois de tê-los conheci-



do, leio no *The New York Review of Books*, de 06 de novembro de 1997, que o livro de Mario de Carvalho, *A god strolling in the cool of the evening*, recebeu, nos E.U.A., o Prêmio Pegasus de literatura.

A exposição “Pessoas Lissabon”, organizada pelo Centro de Cultura Contemporânea de Barcelona, colocou, através de “posters” e cartazes, a silhueta de Fernando Pessoa espalhada por Frankfurt. A exposição foi montada em um cenário futurista, no qual se podia ler, nos manuscritos originais, trechos dos seus textos e poemas. Expuseram também a sua famosa máquina de escrever.

A exposição fotográfica “Livro de Viagem” procurou mostrar a presença portuguesa no mundo, com imagens raras e antigas do Rio de Janeiro, Salvador, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Goa e Macau.

Um senhor de aproximadamente cinqüenta anos, de barba e longos cabelos, pode ser encontrado todos os dias no bar da biblioteca universitária, desde que ela abre até o momento de fechar, sendo assim um dos **personagens** mais marcantes de Frankfurt. Ocupa sempre a mesma mesa, fica em silêncio, impassível, sem fazer absolutamente nada e sem nenhum livro ou jornal nas mãos.

Numa ocasião em que deixávamos a biblioteca, no horário em que seria fechada, vi-o improvisando uma cama na calçada em frente. Disseram-me que ele vive dessa maneira há anos. Se é mudo não se sabe, mas se sabe que não fala absolutamente qualquer palavra com ninguém.

A “Pizzaria da Cimino” é um dos locais mais interessantes e baratos para se comer. Fica aberta 24 horas e é conduzida por três italianos que preparam as pizzas e cuidam do caixa. Os clientes chegam ao balcão, escolhem a pizza, pagam e ficam aguardando que fique pronta.

Cabe ao cliente achar um lugar nas poucas mesas de madeira disponíveis, buscar os talheres, guardanapos e, depois de comer, limpar a mesa. Como o lugar está sempre cheio, algumas pessoas comem em pé, outras saem para comer na calçada. É um dos poucos lugares onde se pode puxar conversa com desconhecidos e se ouvir música pop italiana, principalmente Eros Ramazotti.

## R

O entusiasmo inicial com a reunificação das duas Alemanhas foi dando lugar ao ceticismo e à discriminação constantemente evidenciada. Uma



pessoa me disse que as universidades da ex-Alemanha comunista “não valem nada” e que os seus principais professores, durante o regime comunista, eram agentes secretos ou espiões infiltrados nos seus departamentos de ciências humanas.

## S

O silêncio, em Frankfurt, é uma dádiva. Nas ruas e na vizinhança não se ouve nenhum barulho perturbador, desagradável e desnecessário que dure por muito tempo. Não se ouve nenhum alto-falante no ultimo volume, nem música.

Na biblioteca do Departamento de Letras, um cartaz com a foto de Sartre chamou a minha atenção. Tratava-se do anúncio do simpósio “*La Naissance du phénomène Sartre: Raisons d'un succès (1938-1945)*”, que seria realizado na Universidade Católica de Eichstatt. Escrevi, em inglês, para a organizadora do mesmo, prof<sup>a</sup>. Ingrid Galster. Ela me respondeu em espanhol, fornecendo todas as informações e me disse que seria bem-vindo ao evento, lembrando que o francês era a língua “oficial” do simpósio.

A professora Galster me enviou, também, informações sobre o seu livro *Aguirre oder Die Willkur der Nachwelt*, no qual analisa as expedições ao mítico “El Dorado”, do conquistador Lope de Aguirre, enfocando os limites entre história e ficção.

Respondi à sua carta em português, dizendo-lhe que tinha comigo o texto da conferência que Sartre pronunciou na Faculdade de Filosofia de Araraquara, nos anos 60 e, se ela se interessasse, poderia enviar-lhe uma cópia. Disse-lhe, também, que, como ex-Louvainista, o francês não era um problema para mim...

Na sua resposta, a professora Galster disse que aguardaria uma cópia do texto da “Conferência de Araraquara” e que o enviaria aos bibliógrafos de Sartre, Michel Contat e Michel Rybalka. Ela me enviou, ainda, um exemplar da revista *Utopia y Praxis Latinoamericana*, publicada por colegas dela na Venezuela, sugerindo que eu enviasse um artigo meu.

Como o simpósio, em Eichstatt, se realizaria poucos dias antes da minha volta ao Brasil, não pude participar do mesmo, mas enviei para a Venezuela uma cópia do meu artigo “Tempo e Ecologia”<sup>1</sup>, que foi aceito para publicação.

---

<sup>1</sup> Publicado no nº. 5 (Ano 3), jul.-dic., 1998, p. 75-87 (Nota do editor).



Folheando por acaso a revista de música *Coda*, distribuída gratuitamente em diversos locais da cidade, encontro um texto, em alemão, sobre o jazz, escrito por Sartre. O texto é acompanhado de uma bonita ilustração em preto, lembrando dois músicos tocando instrumentos de sopro, feita pelo artista Clemens Strugalla. O texto datilografado de Sartre *Nick's Bar, New York City* começa assim: Jazz, das ist wie Bananen, das konsumiert man auf der Stelle...

Nos inúmeros sex shoppings espalhados pela cidade podem-se encontrar, obviamente, muitos produtos indicados para o estímulo e a prática das mais diversas fantasias sexuais. Homens de diferentes faixas etárias, muitos deles bem vestidos, aparentando alto nível sociocultural, são vistos escolhendo e comprando produtos para as práticas sado-masoquistas.

### T

Entre os canais de televisão, "Arte" e "Viva" são os mais interessantes. No primeiro, pude ver um longo programa dedicado à XXIII Bienal de São Paulo, no qual entrevistaram Tomie Otake.

Exibiram diversos programas relacionados com o Brasil, cujos temas eram: arquitetura de Oscar Niemeyer e o projeto que fez para o Museu de Arte Contemporânea, de Niterói; a performance de Tunga na Décima Documenta de Kassel; o racismo no futebol brasileiro com depoimentos de Elza Soares, músicas dela e de Alcione e imagens históricas de Garrincha, Didi, Leônidas, Pelé, etc...

Assistia, praticamente todas as noites, no canal "Viva", a *vídeos-clips* históricos da música pop dos anos 60 e 70, muitos deles em preto e branco. Numa mesma seqüência, era possível ver e ouvir Janis Joplin, Joe Cocker, Rolling Stones, Aretha Franklin, Marvin Gaye, Credence Clewater Revival, Beatles, Joni Mitchell, Ilke & Tina Turner, Steve Wonder, James Brown, Mamas and Papas, Bee Gees, Procol Harun, Hoolies, Chicago, James Taylor, Eric Clapton, Bob Dylan, etc..., intercalados de curiosidades como, por exemplo, os vídeos de Nancy Sinatra.

Quando passei pela editora Eichborn para retirar o meu convite para o lançamento do seu livro *Ana in Venedig* encontrei por lá João Silvério Trevisan. Começamos a conversar sobre a excelente acolhida que o seu livro estava tendo na Alemanha e a felicidade que isso proporcionava.



Falamos de amigos comuns e ele me comunicou como um deles havia falecido. Encontramos tempo e espaço para conversarmos sobre a dor e a necessidade de amar, da separação, indiferença, desrespeito e silêncio entre pessoas que já se amaram muito. Esse “tema central” das nossas conversas era enriquecido com comentários, observações, notícias e informações sobre livros, viagens passadas, atuais e futuras, política, militância, cinema, música, teatro e dinheiro, (principalmente a falta dele).

Ficamos de nos ver em São Paulo para dar continuidade aos nossos assuntos, para que eu recebesse de suas mãos um exemplar autografado da edição brasileira de *Ana em Veneza*, e para irmos visitar o seu irmão e cunhada, com os quais jantamos em Frankfurt.

## U

Cada universidade recebe o nome de um alemão ilustre. A de Frankfurt homenageia o seu mais famoso cidadão: Johann Wolfgang Goethe. A estação do metrô, próxima ao prédio central da universidade, expõe enormes fotos do cotidiano estudantil durante os anos 60. São painéis mostrando assembleias em auditórios lotados, estudantes questionando os professores; aulas de “Historia Crítica”; descontraídos pesquisadores num laboratório de física, etc...

Nos restaurantes, é possível encontrar sempre as mesmas pessoas sentadas nas mesmas mesas, nos mesmos horários... Muitas pessoas vendem livros usados, em diversas línguas e a bom preço, no pátio central. No final do dia, algumas pessoas procuram, no lixo, livros que foram colocados ali pelos vendedores.

Além da excelente biblioteca central, cada departamento tem a sua especializada. A biblioteca do Departamento de Educação me pareceu a mais fraca de todas, com revistas e livros desatualizados, enquanto que, na dos departamentos de Filosofia, Sociologia e Letras podem-se encontrar as principais revistas e textos publicados em diferentes países.

## V

A crescente taxa de desemprego faz com que pessoas com mais de 40 anos sejam consideradas ou se considerem velhas, para o concorrido



mercado de trabalho especializado. Há poucas chances de conseguirem um emprego com as condições mínimas ideais, relacionado com a sua formação, experiência e necessidades básicas.

Procurei conhecer a opinião de pessoas com atividades fora do meio acadêmico sobre os Verdes. As pessoas, nessas condições, com as quais estive e às quais pude fazer a pergunta têm opiniões positivas sobre o partido. Uma delas disse que, se os Verdes não existissem, dificilmente ela votaria em algum outro partido. Apesar dessa aparente popularidade, os Verdes foram substituídos, na administração de Frankfurt, pelo Partido Democrata Cristão, de ideologia de centro-direita.

Tinha como vizinhos, no primeiro andar, um jovem casal, proprietário do meu apartamento. Ela é alemã, e ele israelense. Têm duas filhas, uma de quatro anos e outra recém nascida. Às vezes me convidavam para tomar um café turco com eles, algumas vezes ele vinha conversar um pouco, verificar se não estava me faltando nada ou se eu estava precisando de alguma coisa. No dia que em que o canal de televisão "Arte" exibiria o filme "Sábado", de Ugo Giorgetti, ele veio me avisar.

A sua esposa, sempre que preparava tortas de chocolate com nozes e pães trançados, forrados de gergelim, me trazia um pedaço. Conversávamos em inglês e trocávamos palavras em português, alemão e hebraico.

No quarto aniversário de sua filha Celina, convidaram-me para participar da festa. Estavam presentes os pais das crianças, amigas da aniversariante. Entre eles, um jovem moçambicano que havia deixado o seu país para trabalhar na ex-Alemanha Comunista e um chileno exilado do regime de Pinochet.

Ficamos conversando em "portunhol" enquanto as crianças, todas elas nascidas em casamentos mistos, se divertiam e nos ofereciam bolo, guloseimas e refrigerantes.

A vizinha do segundo andar, pelo cheiro que deixava no corredor, parecia fumar o dia todo. Às vezes, via-a junto à janela. Nessas ocasiões sempre me dirigia a palavra com ar zangado. Eu respondia dizendo as poucas palavras em alemão que havia aprendido.

Não era uma conversa, muito menos um diálogo, mas era uma forma de comunicação. Nunca a vi além desses momentos em que ficava na janela. Nas últimas semanas, a nossa forma de comunicação não havia sido alterada. Eu continuava usando o meu restrito vocabulário e sem entender o que a minha vizinha queria dizer, no entanto o tom de sua voz havia mudado, e não mais me parecia zangada comigo, como no início.



## W

Conheci Petra Wagner, funcionária da Agência Alemã de Cooperação (GTZ), uma das responsáveis pela organização da mega exposição "Hannover 2.000". Ela convidou-me para ir visitar a sede do seu trabalho, e conhecer alguns dos projetos selecionados vindos do Chile, Burkina Faso, Costa do Marfim, Vietnam, etc..., relacionados com lazer, saúde, nutrição, educação, cultura, moradia, trabalho, meio ambiente e comunicação.

Dispôs-se a me buscar em casa, e fomos até o seu trabalho, conversando em francês. No caminho, falamos da importância que eventos como esses podem ter, independentemente das avalanches de críticas que recebem.

Senti saudades, enquanto percorria a exposição de fotos de Win Wenders, com cenas do seu filme "Lisbon Story". Um vídeo mostrava, repetidas vezes, uma passagem do filme na qual o grupo Madredeus interpreta trechos da sensível trilha sonora.

A livraria Oscar Wilde é especializada em temática Gay. Além de livraria e loja, é um importante espaço cultural voltado para a discussão de temas como a AIDS e a difusão de idéias contra os preconceitos.

## X e Y

Sobre o x e o y, nada tenho a declarar.

## Z

O tradutor para o alemão de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, Berthold Zilly, foi-me apresentado por Albert von Braunn. Na nossa rápida conversa, disse-me que levou quase dez anos para terminar a tradução. Mostrou-se muito interessado em estudos relativos à ecologia e à literatura, e acha que *Os Sertões*, pode ser considerado um livro ecológico, com o que concordei plenamente. Enviei a ele o meu artigo sobre Oswald de Andrade e a contribuição da antropofagia à ecologia global, publicado numa coletânea nos E.U.A.

Como ela me pediu todos os detalhes possíveis sobre a Alemanha, esse texto só poderia ser dedicado à minha amiga Rita Zan

São Paulo, 02.02.1998.